



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA  
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

NEIDE LIMA DE LIRA RODRIGUES

A OBRA *O PEQUENO PRÍNCIPE*, DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY NA FORMAÇÃO  
DO LEITOR

SOUSA  
2021

NEIDE LIMA DE LIRA RODRIGUES

A OBRA *O PEQUENO PRÍNCIPE*, DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY NA  
FORMAÇÃO DO LEITOR

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado no Instituto Federal de  
Educação, Ciência e Tecnologia da  
Paraíba, Campus Sousa, como requisito  
parcial para a conclusão do Curso de  
Licenciatura em Letras a Distância.

Orientadora: Prof (a) MsC. Ana Paula  
Sousa Silva

SOUSA,  
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Nilo Peçanha do IFPB, *campus* João Pessoa

R696o Rodrigues, Neide Lima de Lira.

A obra o Pequeno príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry na  
formação do leitor / Neide Lima de Lira Rodrigues. – 2021.

24 f.

TCC (Graduação – Licenciatura em Letras a Distância) –Institu-  
to Federal de Educação da Paraíba / Coordenação do Curso de Le-  
tras a Distância, 2021.

Orientação : Prof<sup>a</sup> MsC. Ana Paula Sousa Silva.

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Pequeno príncipe - obra 3. For-  
mação de leitor. I. Título.

CDU 82-93(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

NEIDE LIMA DE LIRA RODRIGUES

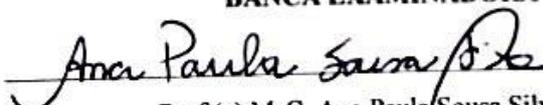
A OBRA O PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTONIE DE SAINT-EXUPÉRY NA  
FORMAÇÃO DO LEITOR

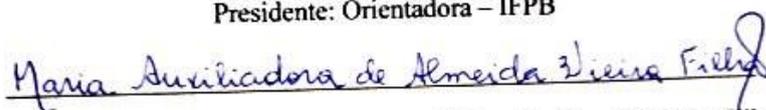
Artigo apresentado como requisito  
parcial para a conclusão do Curso de  
Licenciatura em Letras a Distância.

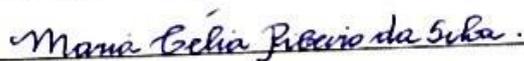
Orientador: Prof (a) MsC. Ana Paula  
Sousa Silva

Aprovado em 21 de outubro de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof (a) MsC. Ana Paula Sousa Silva  
Presidente: Orientadora – IFPB

  
\_\_\_\_\_  
Examinadora: Prof (a) MsC. Maria Auxiliadora de Almeida Vieira Filha

  
\_\_\_\_\_  
Examinador (a): Prof (a) Dra. Maria Célia Ribeiro da Silva – IFPB

*É com muito amor e gratidão que eu dedico este trabalho à minha família que me ajudou a conseguir chegar até aqui e que se orgulha da minha formação*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, força maior que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

À minha família, meu porto seguro em todos os momentos, pelas diversas demonstrações de carinho em cada palavra, preocupação e compreensão.

Aos professores do IFPB e, em especial, à minha orientadora, professora Ana Paula Sousa Silva, por ter contribuído para a realização deste sonho ao ofertar uma orientação segura e, sobretudo, por sua amizade.

Por fim, a todos que depositaram confiança em mim e acreditaram que este percurso seria possível.

“É a direção da vela, e não o sopro da tempestade,  
que determina o seu curso na vida.”

Randy Davis

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender a obra *O Pequeno Príncipe*, de Antonie de Saint-Exupéry a partir da descrição dos seus aspectos temáticos e estéticos e sua relação com o processo de formação do leitor atrelando a esse processo a participação da escola e da família. Primeiramente, apresentaremos um breve histórico da literatura infantojuvenil. Em seguida, descreveremos, aspectos temáticos e estéticos da obra. Finalmente, refletiremos a importância da escola e família no processo de formação leitora. Como aporte teórico para este trabalho, temos as considerações de alguns autores, tais como: Abramovich (1997), Bettelheim (1980), Chauí (2000), Florêncio, França e Leite (2020) e Zilberman (1985, 2003 e 2005). A escolha deste tema surgiu da necessidade de refletirmos sobre a relevância desse clássico para o mundo. *O Pequeno Príncipe* é considerado um livro representativo dentro do conjunto das obras clássicas que constitui a literatura. É uma pesquisa bibliográfica, do tipo qualitativa, constituída a partir de livros e artigos científicos. Conclui-se que esse clássico literário pode contribuir no estímulo da leitura e na formação do leitor literário, tornando, assim, o ato de ler uma ação prazerosa, crítica e reflexiva.

**Palavras-chaves:** Pequeno Príncipe. Literatura infantojuvenil. Formação do leitor.

## ABSTRACT

The present work aims to understand the work *The Little Prince*, by Antonie de Saint-Exupéry from the description of its thematic and aesthetic aspects and its relationship with the process of formation of the reader linking to this process the participation of the school and the family. As a theoretical contribution to this work, we have the considerations of some authors, such as: Abramovich (1997), Bettelheim (1980), Chauí (2000), Florencio, France and Leite (2020) and Zilberman (1985, 2003 and 2005). The choice of this theme arose from the need to reflect on the relevance of this classic to the world. *The Little Prince* is considered a representative book within the set of classical works that constitute literature. It is a bibliographic research, of the qualitative type, constituted from books and scientific articles. It is concluded that this classic literary can contribute to the stimulation of reading and the formation of the literal reader, thus making the act of reading a pleasurable, critical and reflective action.

**Keywords:** Little Prince. Children's Literature. Reader training.

## INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre a importância da literatura infantojuvenil como um dos pontos para a formação de leitores, principalmente pelas peculiaridades que o estímulo à leitura apresenta. Assim, consideramos a relevância de estudar a obra *O Pequeno Príncipe*, do escritor e ilustrador francês Antoine de Saint-Exupéry publicada em 1943, através de algumas questões, tais como: de que forma a obra *O Pequeno Príncipe* contribui para a formação do leitor? Qual a importância da escola e da família no incentivo à prática da leitura?

Para fundamentar o tema escolhido, foram utilizados alguns autores, como: Abramovich (1997) que discute como desenvolver o potencial crítico da criança através da literatura, Bettelheim (1980) afirma que será por meio da literatura que as crianças encontrarão experiências relevantes e soluções para o enfrentamento de questões relacionadas ao desenvolvimento e Zilberman (1985 e 2005) defende a escola como espaço de aprendizagem e valorização da leitura.

Partindo deste pressuposto, o objetivo geral deste trabalho compreender a obra *O Pequeno Príncipe*, de Antonie de Saint-Exupéry a partir da descrição dos seus aspectos temáticos e estéticos e sua relação com o processo de formação do leitor atrelando a esse processo a participação da escola e da família. Tem-se como objetivos específicos: apresentar brevemente um breve histórico da literatura infantojuvenil; descrever aspectos temáticos e estéticos da obra a fim de construir uma relação com o leitor; refletir a importância da escola e da família no processo de formação leitora.

Para contemplar os objetivos propostos foi realizada uma revisão bibliográfica qualitativa a partir de bases de dados online e revistas acerca dos aspectos da literatura infantojuvenil e o processo histórico. Além disso, foram feitos estudos da obra *O Pequeno Príncipe*. A revisão bibliográfica consiste na análise profunda de um determinado assunto a partir de trabalhos já publicados, apresentando as principais abordagens sobre a temática. É importante para definir e mensurar o conhecimento de um tema (BENTO, 2012).

O interesse em trabalhar esta temática surgiu da curiosidade em conhecer melhor a obra *O Pequeno Príncipe* e sua contribuição para a literatura infantojuvenil, tendo em vista a representatividade e relevância deste clássico dentro do conjunto de obras clássicas que constitui a literatura. Além disso, durante os estágios práticos foi possível observar a dificuldade dos estudantes na leitura e no conhecimento de obras importantes para o processo de formação leitora.

Neste intuito, a primeira seção deste trabalho aborda aspectos históricos do surgimento da literatura infantojuvenil, destacando os principais autores da época e o contexto de produção

de suas obras. Além disso, aspectos relacionados à evolução das obras para acompanhar os atuais tempos modernos e a era digital. A segunda seção traz a relação do autor com a obra, pois Saint-Exupéry demonstra em vários momentos ser um alter ego do Pequeno Príncipe. Tal fato é demonstrado em diversos momentos da narrativa, pois pode-se perceber características pessoais e subjetivas na obra, um traço importante presente ao longo deste trabalho, principalmente quando analisamos as características estéticas e as relações desenvolvidas pelo personagem Pequeno Príncipe e os outros personagens presentes ao longo da narrativa. A terceira e última seção destaca outro aspecto presente ao longo desta narrativa que é a formação do leitor a partir da literatura infantojuvenil, haja vista que, ela sofre influência de várias condições tais como, o núcleo familiar e a escola.

Portanto, este trabalho apresenta a obra *O Pequeno Príncipe* e como ela pode contribuir no processo de formação do leitor, sua atemporalidade, seu valor histórico e simbólico em diferentes áreas do conhecimento e a relevância da escola e da família na formação leitora.

## **1. A LITERATURA INFANTOJUVENIL: CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Bettellhein (2007), entende literatura como uma forma literária voltada não apenas para o divertimento e lazer da criança, mas também para o desenvolvimento da mente e personalidade, com vocabulário adequado e voltado para a sua compreensão, pois é a partir da leitura literária que se consegue organizar o sofrimento, lidar com sentimentos contraditórios e conhecer os padrões morais de uma sociedade e, assim, levá-los para o seu cotidiano.

A literatura infantojuvenil tem seu início no século XVII com Fénelon (1651-1715), que a princípio tinha como objetivo educar moralmente as crianças. Nesta época, elas não eram consideradas na sua especificidade, eram tratadas como um adulto em miniatura, sem diferenciar as vivências de cada um, delimitando o certo e o errado ou o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado.

Já os contos de fadas surgiram na França no final do século XVII, com Charles Perrault (1628-1703), que editou narrativas contadas pelo povo, cortando as cenas obscenas, conteúdo incestuoso e canibalismo que eram apresentadas às crianças. Em 1697, Perrault torna público histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades, *Contos de Mãe Gansa*. Ganham, forma, um editorial com as seguintes histórias: *A Bela Adormecida no bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *A Gata Borralheira*, *Henrique do Topete* e *O Pequeno Polegar* (SILVA, 2009).

Outros nomes importantes do nascimento da literatura infantil são os irmãos Grimm com *A Bela Adormecida* (1812) e *Chapeuzinho Vermelho* (1812). Hans Christian Andersen Dinamarquês publica *O soldadinho de chumbo* (1838) e *O Patinho feio* em (1843), Collodi na Itália lança em (1883) *Pinóquio*, Lewis Carrol lança na Inglaterra *Alice no País das maravilhas* em 1865, o americano Frank Baum que escreve em (1900) *O mágico de Oz* e o escocês James Barrie que escreveu *Peter Pan* em (1904), que ganhou espaço nos palcos, ganhando assim uma nova versão em (1911) como título *Peter e Wendy*.

No Brasil, é coerente afirmar que ela surge após a implantação da imprensa régia, pois as crianças liam edições adaptadas de obras portuguesas, que eram escritas por pedagogos com intenções didáticas e moralizantes. Um dos primeiros autores a fazer traduções dos contos europeus no Brasil foi Alberto Figueiredo Pimentel, que publicou traduções dos Contos de Perrault, dos Irmãos Grimm e de Andersen, em obras como *Contos da Carochinha*, *Histórias da Avozinha* e *Histórias da Baratinha*. Cabe salientar que os textos adaptados por Pimentel eram de origem europeia.

No entanto, alguns autores destacam que somente após a Proclamação da República pode-se afirmar que, de fato, iniciou uma literatura infantil brasileira, pois as publicações eram insuficientes e infrequentes. O primeiro registro de literatura infantil no Brasil aconteceu com Monteiro Lobato em (1920) (PERES; MARINHEIRO; MOURA, 2012).

Lobato escreve *A Menina do Nariz Arrebitado*, que faz parte de um conjunto de histórias que compõe *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, com personagens, como: Dona Benta a dona do sítio, Narizinho, Tia Anastácia, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, a Cuca, Emília, entre outros. Esta obra, virou em 1960, seriado com o mesmo título. Monteiro Lobato, antes de dedicar-se a literatura infantojuvenil, escreveu algumas obras destinadas ao público adulto, como *O Saci-Pererê: Resultado de um Inquérito* (1918), *Urupês* (1918) e *Problema Vital* (1918).

As crianças possuíam acesso às literaturas a depender do seu status socioeconômico, as que faziam parte da nobreza eram instruídas por mentores e acompanhavam os grandes clássicos, já as pertencentes as classes baixas liam e/ou ouviam histórias de cavalarias, de aventuras, contadas por seus pais ou os velhos senhores da comunidade (ABREU, 2005).

Aos poucos a literatura infantil vai se tornando aliada do processo pedagógico-didático. No século XIX, surge uma literatura informativa que tinha como objetivo auxiliar as crianças a se prepararem para a vida adulta. A criança tinha que ser “formada” e os livros da época contribuía muito com isso, pois ensinavam lições de moral e bons costumes (DIAS; OLIVEIRA, 2000).

Em meados do século XX surgem novas concepções de literatura infantojuvenil e sua

função sobre o aprendizado criando padrões lúdicos, logo, o que predomina é a esfera visual e as brincadeiras de linguagem. Atualmente, a literatura infantojuvenil dá destaque às brincadeiras contagiantes, passatempos, músicas e atributos que adicionam ao texto ou até mesmo que substituam o texto.

A partir de maio de 1968, quando surgiu uma nova vertente chamada “a nova sensibilidade”, pois a realidade da criança e do adolescente atual era diferente daquela em que seus pais e avós foram criados, a narrativa, enquanto gênero literário, e especialmente os contos infantis, revelou-se particularmente adequada para a educação de valores. Não somente no sentido tradicional de transmissão deles, mas sobretudo a serviço de uma construção pessoal destes, articulada com valores partilhados de caráter mais universal (CURIA, 2012).

À medida que o tempo passa, a literatura infantojuvenil segue se moldando para acompanhar o advento dos novos tempos, não ficando somente presos a uma folha de papel impressa, mas também para acompanhar o ‘boom’ da era digital. É comum encontrar novas obras ou até títulos conhecidos e consagrados, em novas formas de literatura, plataformas digitais, sem esquecer ainda de títulos que viraram filmes, como por exemplo, as obras de Perrault que se tornaram um dos filmes mais famosos da Disney.

## **2. A OBRA O PEQUENO PRÍNCIPE**

*O Pequeno Príncipe* é uma obra de Antoine de Saint-Exupéry, publicada no ano de 1943, é um dos livros mais traduzidos e vendidos no mundo. Tem como personagens um homem que se sente frustrado por ninguém compreender seus desenhos e um príncipezinho que habita em um asteroide. A obra é uma fábula e aborda os aspectos da relação humana, nela seres inanimados interagem com um humano. O príncipezinho que faz uso de metáforas relacionando-as às atitudes humanas contribui para que o leitor faça uma reflexão sobre sua própria condição. Apesar de aparentemente ser direcionada ao público infantil, a obra mostra um alto teor filosófico e poético.

O autor na obra é um narrador e um dos personagens principais, protagonizado por uma criança de cabelos cor de ouro e um cachecol vermelho em torno do pescoço. A história tem seu início quando em um determinado momento o avião do autor fica preso temporariamente no deserto do Saara, e ao acordar em uma certa manhã, se depara com o Pequeno Príncipe que lhe pede para fazer o desenho de um carneiro.

Em sua viagem, o *Pequeno Príncipe* vai interagindo com outros personagens, como, por exemplo, a Rosa a quem ele demonstra todo seu amor e sua preocupação, mesmo assim ele a deixa e viaja em suas aventuras pelos planetas. O primeiro foi o Rei que se mostra controlador e

muito mandão e a princípio o assusta, mas ao longo da conversa o Príncipe percebe que apesar do jeito é um homem de bom coração.

Dando continuidade à viagem, ele chega a outro planeta e lá encontra um bêbado, um homem que por sua ignorância tenta encontrar na bebida refúgio para fugir da sua realidade. Em outro planeta, ele encontra um homem de negócio que envolvido com seus cálculos não consegue perceber a existência das coisas que o cercam. No próximo planeta, ele conhece o acendedor de lampiões, um sujeito que trabalha incansavelmente para conseguir cumprir sua tarefa, ele é insatisfeito com essa situação, mas não é capaz de transformá-la. Depois ele vai para outro planeta e encontra o geógrafo e percebe que é um homem inteligente que faz pesquisa e conhece a realidade de outros planetas, este aconselha o príncipe a conhecer o planeta Terra. No percurso, ele encontra o astrônomo, um homem que conserva o seu modo de vestir e de se expressar, diferentes dos demais que ele já conheceu e isso não o torna menos importante dos outros personagens. No próximo planeta ele encontra o vaidoso que se preocupa com os elogios para sua realização pessoal.

Por fim, ele chega ao planeta Terra, mas está perdido por achar diferente de tudo o que ele viveu e o que esperava encontrar. Conhece a Cobra que ele acredita ser incapaz e inofensiva, mas durante seu diálogo vai descobrindo o quanto ela fala por enigmas e com franqueza. Ele também descobre muitas rosas, mas nenhuma tem a beleza e o valor sentimental quanto aquela que ele deixou quando partiu.

O seu encontro com a Raposa se dá de forma confusa e espontânea, faz referência a realidade de várias situações que de início não consegue associar a sua realidade pela sua ingenuidade. A Raposa lhe faz entender que na realidade precisamos renunciar a algumas coisas que a princípio achamos importante e valorizarmos, ou seja, aquilo que temos e que é real, e que tudo na vida tem um preço, mas precisamos estar conscientes das nossas responsabilidades e de nossas ações. A partir daí ele entende o verdadeiro sentido da vida, da amizade e do amor. Consciente de tudo isso, ele resolve voltar e cuidar do que para ele tem sentido e sentimentos verdadeiros.

No desenrolar da fábula, os aspectos temáticos são apresentados durante os diálogos entre os personagens que aborda temas como o amor, o senso ético, a responsabilidade social e laços afetivos, como por exemplo pelo diálogo do príncipezinho e a flor, também faz críticas aos sujeitos que levam mais em consideração valores materiais, pessoas excessivamente vaidosas e quanto ao uso de bebidas alcoólicas não controladas.

Os aspectos estéticos estão na preocupação em abordar as temáticas citadas anteriormente a partir de um príncipezinho que vai narrando suas aventuras e na apresentação

dessas temáticas a partir de diálogos com os personagens, para mostrar a simplicidade da vida, a essência da realidade e a pureza de seu olhar a fim de veicular um discurso de consciência para os adultos, sobretudo considerando o contexto que o autor estava vivenciando na época, a Segunda Guerra Mundial.

Utilizando as concepções de Chauí (2000), é possível refletir que o ser humano convive com situações no cotidiano em que ele necessita colocar em provação a sua conduta, este utiliza a consciência e o senso ético para validar suas ações, estando ciente de sua responsabilidade nas consequências. Necessariamente, quando se faz uma análise e aplica-se um juízo, esses podem ser normativos ao enunciar “normas que determinam o dever ser de nossos sentimentos, nossos atos, nossos comportamentos. São juízos que enunciam obrigações e avaliam intenções e ações segundo o critério do correto e do incorreto”.

Desse modo, podemos refletir que o ser humano dentro de um contexto social específico com situações cotidianas nas quais é posto à prova sua conduta, em que ele ao defrontar-se com tais situações, utiliza-se muitas vezes dos seus valores éticos como parâmetro para nortear suas ações ou atitudes, sempre levando em consideração que o viver em sociedade pressupõe a concordância em seguir regras de condutas preexistentes ao indivíduo que antecede sua própria existência.

Desta maneira, observamos que o juízo de valor exposto pela autora está diretamente ligado a forma como agimos, que muitas vezes deve estar de acordo com o senso ético, que por sua vez é construído a partir de costumes e tradições normatizadas pelas regras de conduta que pautam a sociedade. Nesta se aplica o significado de certo ou errado para as ações do indivíduo, de acordo com as regras comportamentais do ambiente no qual ele está inserido. Ainda segundo Chauí:

Assim, em sua criação, o indivíduo é educado para cultivar bons valores e aplicá-los na sociedade em que convive, definindo os valores que deve seguir e aqueles que devem ser evitados, perpetuando entre gerações os valores éticos, cabendo à sociedade da época a sua manutenção ou não (CHAUI, 2000, p. 432).

Portanto, compreendemos que o comportamento social de um indivíduo parte de um processo historicamente construído, que tem por sua vez um processo de construção de valores socialmente aceitos transmitidos de geração para geração. Fato este que, quando temos comportamentos socialmente aceitos dentro do convívio social, os indivíduos são educados para agirem de acordo com tais valores e assim aplicá-los corretamente.

## 2.1 A RELAÇÃO ENTRE O AUTOR E A OBRA

A obra possui representatividade mundial pelo valor literário e pela construção do enredo de forma lúdica, enfatiza temáticas importantes para todos os públicos. Apresenta uma construção literária que pressupõe uma relação íntima entre o autor e sua obra, relação esta pautada pelo despertar de emoções fortes que conduzem o autor na construção do enredo. Essas emoções, muitas vezes servem como matéria-prima para a criação de toda obra e ajudam o autor a fazer dela um espelho de suas emoções, sua visão de mundo ou até um mergulho no interior do ser humano. Todos esses aspectos estão presentes na relação desenvolvida pelo autor Saint-Exupéry no seu mais famoso livro *O Pequeno Príncipe*.

Deste modo, analisando aspectos importantes da relação do autor com sua obra, percebemos elementos psicológicos que se apresentam ao longo do texto e nos servem como ponto de reflexão acerca da relação psicológica entre autor-obra. Percebe-se que ele se evidencia como alter ego do Pequeno Príncipe, este é um resultado perceptível no livro ao analisar sob um olhar psicanalítico. Vejamos um ponto perceptível nas falas dos autores abaixo:

Esse trabalho estima pela associação autor-obra, partindo do olhar psicanalítico, e investiga significados em face às relações para evidenciar, teoricamente diante de tal linha de estudo, que Exupéry, além de autor, é o alter ego do Pequeno Príncipe. A intenção primordial é analisar os implícitos da obra. É a busca do sentido simbólico que há na essência da narrativa à realidade do autor, pelo viés do subjetivismo que denota a ideia da autobiografia de Saint-Exupéry” (FLORÊNCIO; FRANÇA; LEITE, 2020, p.3).

A obra *O Pequeno Príncipe* mistura fatos da vida real do autor com o seu desejo de falar ao coração dos homens. Ela foi escrita durante a Segunda Guerra Mundial e relata angústias e conflitos vivenciados pelo autor acerca da situação da França, pois era piloto combatente do exército francês (CAMPOS, et al., 2010).

Partindo desse entendimento, é possível observar que Saint-Exupéry faz uso do livro *O Pequeno Príncipe* para relatar conflitos vivenciados consigo mesmo. Como está exposto, percebe-se esse aspecto ao observamos as informações implícitas da obra, nela o autor expôs a relação presente entre os fatos vividos pelo personagem principal e a narrativa na qual envolve a sua história como uma referência subjetiva de emoções que estão presentes no texto. Essa característica também contribui para a construção da relação autor-personagem e autor-obra, em que ambas são demonstradas não exatamente de forma explícita, mas também de forma implícita ao longo do enredo.

O principal aspecto que demonstra essa pessoalidade da obra está no subjetivismo, demonstrado no subtexto ou nas entrelinhas de *O Pequeno Príncipe*, principalmente quando

analisamos a obra de maneira profunda e contextualizada (FLORÊNCIO; FRANÇA; LEITE, 2020). A obra de Exupéry trata-se de um clássico da literatura, que foi traduzida diversas vezes em várias linguagens artísticas, temos que observar outras características importantes que estão presentes nela e que nos ajudam a compreender melhor como essa relação autor-obra, os aspectos psicológicos ao longo da narrativa e na criação dos personagens, é o que podemos observar na citação abaixo:

Na referida obra, Exupéry expõe o personagem, o “Príncipezinho”, como um menino, inquieto, contestador e afetuoso, que é movido constantemente pelo diálogo. Há, logo de início, um progressivo jogo de textos, de palavras e desenhos, que vão desbravar a lúdica história do príncipezinho, entre diversas realidades, personagens com quem vai se deparando, ao galgar pelos mundos, e os sentimentos que enchem a obra de expressividade (FLORÊNCIO; FRANÇA; LEITE, 2020, p.3).

Posto isto, observamos alguns pontos que merecem destaque na análise, o papel do Príncipezinho apresentado pelo texto acima coloca o personagem com características que merecem ser destacadas, tais como a inquietação, o fato de contestar e a afetuosidade. Em uma análise mais complexa dentro da narrativa analítica, podemos perceber um espelho de características do autor narrados como um reflexo pessoal nos quais tais características se fazem presentes no personagem central da história.

Assim sendo, ao longo da narrativa descrita acima, observamos um personagem que faz viagens e tem relações desenvolvidas com outros personagens a partir de várias realidades mundo a fora galgada por relações e sentimentos que são mostradas pelo autor como um instrumento importante dentro do universo infantil, que é a expressividade, uma característica importantíssima nas narrativas infantojuvenis, pois lida com o lúdico para atingir o público-alvo, que é a criança. Na obra, a expressividade é apresentada quando o autor mergulha no seu interior e apresenta sentimentos vivenciados, inserindo na história de forma lúdica e buscando mostrar ao mundo o valor da simplicidade das coisas, com sua ingenuidade e na busca por respostas para seus conflitos internos.

Quanto mais o autor vai escrevendo a história e construindo os diálogos com os personagens, mais vai inserindo seus sentimentos, principalmente diante do contexto vivenciado, como a guerra. Assim, ele vai se envolvendo nessa fantasia e fugindo de sua realidade. O lúdico se mostra como um ponto de criatividade fortíssimo e quanto mais uma narrativa infantil bebe dessa fonte, mais ela encontrará êxito e aceitação por parte do público infantojuvenil. A obra *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry utiliza estas características na sua narrativa com maestria.

Mediante o exposto, fica ainda mais evidente a subjetividade do autor e a obra quando analisamos a relação existente entre literatura e psicologia, exposta no trecho abaixo:

De que forma a psicanálise vai justificar a relação biográfica entre Saint-Exupéry e a obra *O pequeno príncipe*? Ventilamos como resposta, o elo entre literatura e psicologia. Ao içar esta ideia, a hipótese perseguida inicialmente consolidara-se, prezando por tal objetivo, uma conexão da obra com elementos biográficos do autor para formalizar o trabalho, em uma leitura diante de fenômenos mentais e através das instigantes representações que o autor Saint-Exupéry causa na sua obra *O Pequeno Príncipe*. (FLORÊNCIO; FRANÇA; LEITE, 2020, p.4).

Ao debruçar-se sobre a obra, o leitor observa que a narrativa se constrói fazendo uma leitura de fenômenos mentais, o que se infere naturalmente que o autor expõe fatos imagéticos reinterpretados da sua trajetória, além de representações instigantes onde ele reflete junto com o personagem sobre os acontecimentos que o envolvem. Ele traz para o leitor a oportunidade de reflexão sobre seu próprio contexto, muitas vezes trazendo à tona sentimentos e emoções para o público-leitor ao longo da narrativa.

Para Florêncio, França e Leite (2020) “Aproximadas por se fazerem subjetivamente, a Literatura colabora com a Psicanálise como um tipo de aliança que fornece componentes facilitadores para movimentos espontâneos do inconsciente.” Neste entendimento, a literatura possui aspectos colaborativos com a Psicanálise e acaba sendo um dos instrumentos facilitadores para a compreensão do psiquismo envolvido na relação autor-obra da narrativa literária.

Podemos, assim, refletir que o livro *O Pequeno Príncipe* em questão, apresenta os aspectos de uma leitura com peculiaridades que vão se moldando à medida em que a história acontece, proporcionando assim, profundas reflexões para o leitor. Há em seu eixo temático o próprio ser humano, além disso, traz também análises sobre os conflitos relacionados aos valores morais e éticos, assim como uma reflexão acerca da bondade existente nos homens bem como a maldade e por fim, os conflitos inerentes à sua vida, suas ideias e suas práticas.

Ainda para Florêncio, França e Leite (2020):

O sujeito, enquanto analisado, descreve traços da sua vida segundo a sua idealização, como se tornasse ‘autor e personagem protagonista’ da própria história, agregando sentido próprio e adaptando conforme a sua própria autoria (FLORÊNCIO; FRANÇA; LEITE, 2020, p. 8).

O sujeito protagonista se confunde entre autor-personagem, como se ambos se interrelacionassem ao longo da história, o escritor da obra desenvolve dentro dessa narrativa uma relação entre o protagonista e o autor, os quais exercem funções e traços de vida de forma idêntica. Os traços de sua narrativa pessoal são idealizados na figura do personagem, em que é expresso a capacidade de realizar tudo que o autor não poderia realizar se estivesse em um ambiente real. Outra característica que demonstra a ligação entre a literatura e a psicanálise na relação autor-obra refere-se à linguagem, vejamos abaixo:

Já a própria história, e/ou seus fatos de vida seria “a linguagem” é através dela que se concretiza o dito, ela é o ponto conectivo entre a psicanálise a literatura. É pela linguagem literária que as palavras ganham maior dimensão, dela se expressa as conotações primordiais para consumir uma análise. (FLORÊNCIO; FRANÇA; LEITE, 2020, p.8).

Percebe-se que a história é a principal ferramenta dentro da linguagem literária que faz a ligação entre psicanálise e a literatura na obra *O Pequeno Príncipe*. Através da narrativa realizada pelo autor, fica estabelecida uma relação autobiográfica, onde se reconhece muito claramente um conjunto de momentos ao longo da obra, pois as vivências do personagem e dos acontecimentos marcantes do livro tornou-se uma forma de reconhecimento da trajetória do próprio autor, é como se este se reconhecesse no personagem e se enxergasse psicologicamente nele.

A linguagem literária torna-se um campo frutífero para a imaginação do autor que realiza uma narrativa cercada de expressividade. Ao passo que o personagem o Pequeno Príncipe sai pelo mundo, o público adulto acaba entrando no universo descrito pelo autor e são norteados por aspectos psicológicos. Isso porque vários sentimentos são expostos ao longo da narrativa, que pode agradar tanto ao público infantil quanto ao público adulto.

Ainda dentro dessa perceptiva Florêncio, França e Leite (2020) nos mostra que:

É notório o quanto as áreas psicanalíticas e literárias se complementam, e uma se torna facilitadora da outra, pode-se praticar a dinâmica psicanaliticamente de uma criação literária, como agregar valores criativos diante das possíveis reflexões advindas de uma análise (FLORÊNCIO; FRANÇA; LEITE, 2020, p.8)

Fato que podemos identificar ao longo da construção da narrativa em vários momentos nos quais o autor constrói essa relação de valores importantes para nortear as ações do personagem e das relações que vão sendo construídas entre os personagens e o Pequeno Príncipe. Ainda nessa concepção profícua entre literatura e psicanálise, podemos observar a relação entre o indivíduo e o seu inconsciente, que estão presentes ao longo da construção da obra literária como um todo, como podemos observar nas colocações abaixo:

Nessa perspectiva, a psicanálise vem trabalhando para auxiliar o ser humano nas relações entre o indivíduo e o seu inconsciente. De modo que, agrega à literatura, enquanto arte, uma aliança literária e psicológica, na medida em que o leitor, diante das palavras, tende a identificar-se com a narrativa, aprendendo, sofrendo, sentindo como personagens e sob o contexto vivenciado (FLORÊNCIO; FRANÇA; LEITE, 2020, p. 4).

Por fim, partindo do pressuposto de que a relação desenvolvida entre o autor e sua obra seja uma construção subjetiva, a psicanálise entra como uma área importantíssima para uma análise profícua da obra *O Pequeno Príncipe*. Ela vai além de aspectos estéticos, trazendo uma excelente narrativa da literatura infantojuvenil e uma escrita com abordagem que leva o leitor a

desenvolver uma relação com o seu inconsciente pessoal, sempre observando que esta relação íntima de associação entre os sentimentos vividos pelos personagens fictícios pode trazer semelhanças com sentimentos e emoções vivenciadas pelo leitor de forma real. Tudo isso faz com que a obra seja ainda mais fascinante no universo da literatura infantojuvenil.

### **3. A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO**

Nesta seção será abordada a construção do indivíduo dentro de um contexto social e sua relação com a literatura infantojuvenil, principalmente porque as primeiras leituras são de escolha e influência da família. A formação do leitor literário começa na infância ao ouvir histórias contadas pelos pais, leituras e cantigas de ninar, mas é preciso que esse estímulo à leitura seja contínuo, assim esse jovem desenvolve o gosto pela leitura literária sendo capaz de assimilar e interpretar o que foi lido, esse envolvimento com os livros poderá lhe trazer um enriquecimento no campo da cultura, na formação de opiniões e do espírito crítico.

Partindo do pressuposto de que a produção literária infantojuvenil está ligada a um processo que passou por várias mudanças ao longo do tempo, ela possui fortes ligações com o desenvolvimento da concepção moderna do que é ser criança, e tem nela seu público principal. Além disso, compreende-se que esta produção estará no início da modernidade condicionada às práticas pedagógicas, que juntas contribuirão para a construção de um perfil atribuída à literatura infantojuvenil e a própria formação do leitor.

Segundo Zilberman (1991), o país vem empregando esforços para difundir o gosto pela leitura e de suprir uma situação de atraso cultural.

O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor (1991, p.16).

Pelo caráter indispensável da literatura para aprendizagem do aluno em fase de escolarização, esta prática é imposta de forma obrigatória, deixando de ser prazerosa. Para que o incentivo à leitura seja realizado com sucesso, é preciso que este estímulo seja implementado por profissionais bem capacitados e por diferentes métodos (CUNHA-PIRES. MATSUDA, 2013).

A formação do leitor é imprescindível para inserção do sujeito no mundo, pois corresponde ao processo de construção do seu caráter e personalidade. Ela se faz necessária, pois o indivíduo precisa desenvolver habilidades de sociabilidade em um ambiente marcado por

diversidades culturais e sociais. Além disso, tem que ser instruído de forma que se torne autônomo e capaz de analisar e julgar discursos e posicionamentos. Essa formação é essencial para que o sujeito se integre no mundo, desenvolva senso crítico e participe ativamente da construção dele (SANFELICI; SILVA, 2017).

Zilberman (2003), afirma que será a partir do processo formativo do leitor que se poderá mediar o ser humano pelo seu tempo presente. A leitura corresponde a uma adequação da realidade de modo que o leitor atinja sua emancipação pessoal e tenha autonomia para sobreviver no ambiente que está inserido.

A autora ainda destaca outro ponto de dificuldade que perdura até hoje, que é o fato da literatura infantojuvenil se apresentar como uma “colônia da pedagogia”. Esta expressão acontece porque o ambiente escolar trabalha textos em sala de aula sem abordar as características literárias em si.

Uma vez que a literatura é utilizada desta forma, fica sobreposta às outras disciplinas, deixando-a apenas como caráter educativo ou moralizante que visa a “dominação da criança”, fazendo com que o aluno não obtenha interesse em conhecer com profundidade a literatura e o texto se apresenta apenas com fins didáticos. Neste sentido, o que o leitor em formação (criança e jovem) necessita é de suporte que contribua para o seu desenvolvimento e observação do mundo, este suporte pode ser encontrado na literatura.

Por vezes a literatura infantojuvenil é colocada como simplório diante da literatura acadêmica, por atender justamente a formação do público infantil e tem no universo da criança a matéria-prima da produção literária. No entanto, atualmente, se defende que quanto mais cedo a criança tenha acesso ao universo da leitura, mais contribuiremos para que tenhamos uma população leitora.

### 3.1 A FAMÍLIA E A ESCOLA NO INCENTIVO À LEITURA

Levando em consideração que a literatura infantojuvenil se torna com o passar do tempo um aspecto importante da construção do jovem leitor, além de relevantes obras que marcaram a construção da leitura infantojuvenil, um dos pilares da construção dessa prática é quando se insere no cotidiano familiar.

Nascimento (2006), nos mostra de maneira bem objetiva, a importância da participação familiar nesse processo de construção do jovem leitor, quando diz que “o gosto pela leitura vem de um processo que se inicia no lar. Aprende a gostar do livro pelo afeto, quando a mãe canta ao embalar o berço, ou narra velhas histórias aprendidas pelos avós...”

Como vimos, a leitura é um processo que se inicia no berço, em que os pais muitas vezes são os principais responsáveis pela iniciação dos filhos na leitura a partir do desenvolvimento de sentimentos, tais como o afeto pelo livro, o hábito de ouvir histórias contadas de geração a geração. Todas essas características juntas constroem um simbolismo diante da leitura que vai muito além de uma ação muitas vezes pautada pela obrigação ou pela imposição, que é uma das várias práticas que norteiam o ambiente escolar desde a infância até a fase adulta.

Observamos também que o ambiente normatizado para a difusão da literatura infantil é a escola, que muitas vezes é o único espaço que a criança ou o jovem leitor possuem para acesso à leitura. A escola contribui de maneira significativa para a construção ou não da prática da leitura, haja vista que a sociedade atual traz características de uma construção histórica marcada pela desigualdade social, em que o espaço escolar se torna o único lugar onde esse jovem terá contato com as obras.

Nesse contexto, é possível observar a distinção da função da família e da escola, compreendendo que uma necessita da outra para que a criança e o jovem sejam capazes de enfrentar situações cotidianas de forma consciente e saudável, independentemente do ambiente em que se encontra. Quando uma dessas instâncias não cumpre seu papel, a outra terá mais dificuldade no desenvolvimento e na formação desse leitor.

Posto isso, é importante ressaltar que os aspectos que constroem a literatura infantojuvenil e, por conseguinte o ato de ler, está diretamente ligado a uma construção histórico-social. Isto porque a partir do momento que temos uma sociedade que se cultiva o ato de ler como um valor inestimável para a construção social dos seus indivíduos temos, portanto, indivíduos que agem a partir de atitudes cidadãs mais consolidadas, tendo uma compreensão de seus valores e uma participação ativa na sociedade. Sobre essa questão nos fala Abramovich (1997, p.16-17) que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”

Ser um leitor vai além do fato de decodificar letras, parte de um processo que passa pelo ato de ler, entender, compreender e contextualizar o que foi lido. Além disso, tem como finalidade primordial a construção de um indivíduo leitor consciente do mundo no qual está inserido e de ser capaz de interagir com as transformações sociais existentes.

Assim, podemos observar como o ambiente escolar é importante para a construção do jovem leitor e como a prática desenvolvida em sala de aula através dos professores tem enorme influência nesse processo:

Ao trazer a literatura infantil para a sala de aula, o professor estabelece uma relação dialógica com o aluno, o livro, sua cultura e a própria realidade. Além de contar ou ler a história, ele cria condições em que a criança trabalhe com a história a partir de seu ponto de vista, trocando opiniões sobre ela, assumindo posições frente aos fatos narrados, defendendo atitudes e personagens, criando novas situações através das quais as próprias crianças vão construindo uma nova história” (NASCIMENTO, 2006, p. 26).

Mediante o exposto, observa-se as contribuições importantes da relação entre o aluno e o professor na formação leitora. Essa relação, quando construída de forma prazerosa, estabelece uma relação entre o leitor, o livro e a prática da leitura. No aspecto da importância da literatura e da construção do leitor, Nascimento (2006) reflete de maneira bastante clara o quanto a literatura traz de contribuições importantes para a construção do ser humano, ao considerar que “é no encontro com qualquer forma de literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida.”

A literatura infantojuvenil com o passar do tempo tornou-se mais reflexiva e crítica, assim nos mostra:

“Uma maneira de compreender o mundo é através da literatura infantil, sua função é exatamente fazer com que a criança tenha uma visão mais ampla de tudo que a rodeia, tornando-a mais reflexiva e crítica, frente à realidade social em que vive e atua, desenvolvendo seu pensamento organizado. A literatura infantil tem o poder de suscitar o imaginário, de responder as dúvidas em relação a tantas perguntas, de encontrar novas ideias para solucionar questões e instigar a curiosidade do pequeno leitor” (NASCIMENTO, 2006, p. 23).

A importância da literatura infantil também reside na forma como a própria sociedade atribui o ato de ler, visto como um hábito importante para a construção de um indivíduo leitor e consciente do seu papel como cidadão dentro do convívio social, levando esse aspecto como um fator importante para a construção da prática da leitura e de construção de cidadãos leitores. Podemos afirmar que faz parte de uma ação intencional, a de influenciar na formação do cidadão iniciando desde a infância com a prática da leitura, sendo valorizado e reforçado por instâncias como a escola e a família.

Partindo dessa perspectiva, observamos que a literatura e as obras literárias se constroem como um fator importante dentro da prática da leitura ao ponto de se construir toda uma trajetória de produção literária. Com isto, tem-se o objetivo de dialogar com os autores de obras literárias infantojuvenis, como a obra objeto de nosso estudo, *O Pequeno Príncipe*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a relevância dessa pesquisa, percebemos o valor da obra literária, em especial *O Pequeno Príncipe*. Entendemos que a melhor metodologia a ser utilizada é aquela que se coloca em favor da presença e, conseqüentemente, da leitura de obras literárias de modo constante na família e na escola. No decorrer da elaboração desse artigo percebemos a necessidade de compreender a relação entre a obra e a formação do leitor.

O referido trabalho não se trata de um estudo acabado e diante da relevância do livro estudado, há a possibilidade de introduzir em diversas áreas e diferentes maneiras. Toda atividade de leitura que tenha, como objetivo, a sensibilização, precisa ser pensada e organizada visando oferecer momentos que se caracterizem pela presença do lúdico, da fruição.

Assim, entendemos a escola como o lugar ideal para a concretização de experiências com obras, a exemplo do *Pequeno Príncipe*. Uma escola que possa conceber espaços cada vez maiores para os poemas, uma escola que oportunize a criança e o jovem falar e ouvir, permitindo que eles possam ampliar a sua capacidade de sonhar, imaginar, criar, experimentar. Enfim, uma escola em que seja dado o direito ao aluno de vivenciar cada vez mais as experiências que os textos literários podem proporcionar. É fundamental que os professores sejam leitores de textos literários, para que, assim, eles possam passar todo o seu entusiasmo para os estudantes e que estejam abertos para o diálogo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ABREU, A. M. T. **Literatura infantil leitura e prazer no contexto da biblioteca pública**. 2005.

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)**, v. 7, n. 65, p. 42-44, 2012.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 22 ed. Paz e terra, 2007

BETTELHEIN, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CAMPOS, P. R. I., *et al.* **A orientadora pedagógica, a atuação e a formação docente= um encontro com Alice e o Pequeno Príncipe**. 2010.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. Editora Ática, São Paulo, 2000.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CURIA, D. F. S. A Literatura Infanto-juvenil na Contemporaneidade: um outro olhar para o literário em sala de aula. **Revista Thema**, v. 9, n. 2, 2012. Acesso em: 09 de jul de 2021. Disponível em: <http://periodicosnovo.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/134>

CUNHA PIRES, A. C.; MATSUDA, A. A. Formação do leitor: dificuldades e desafios. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 3, n. 2, 2013.

DIAS, A. M. I.; OLIVEIRA, M. J. S. **Reflexões sobre leitura: caminhos e possibilidades em educação infantil**. Fortaleza: Secretariado Trabalho e Ação Social, 2000. 80p.

FLORÊNCIO, R. R.; FRANÇA, R. S.; LEITE, V. N. Breve Análise Psicanalítica do Pequeno Príncipe: Uma (Re) Interpretação Atualizada/Brief Psychoanalytic Analysis of the Little Prince: An Updated (Re) Interpretation. ID on line **REVISTA DE PSICOLOGIA**, v. 14, n.50, p.433-448, 2020. Acesso em: 05 de ago de 2021. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2442>

NASCIMENTO, Z. E. V. A importância da literatura no desenvolvimento infantil. 2006. 36 f. **Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)** – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PERES, F. C.; MARINHEIRO, E. L.; MOURA, S. M. A literatura infantil na formação da identidade da criança. **Revista Eletrônica Pró-Docência, UEL**, v. 1, n. 1, 2012. Acesso em: 08 de ago de 2021. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/SIMONE%20MOURA-FABIANA-EDWYLSON%20-%20pedagogia.pdf>

SANFELICI, A. M.; SILVA, F.L. A formação do leitor literário na escola e a presença da indústria cultural no processo. **Revista Linhas**, 2017.

SILVA, A. L. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercado lógico ao caráter pedagógico na atualidade. **REGRAD-Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM**, v. 2, n. 2, jul/dez, 2009. Acesso em: 23 de jul de 2021. Disponível em: <https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234>

SOUZA, R. J.; FEBA, B. L.T. **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, S.P. Mercado de Letras, 2011.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 4ed. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro, R.S.: Objetiva, 2005.

